

RESENHA

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. C. Política Social e Método. In. BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. C. **Políticas Sociais: Fundamentos e História**. São Paulo: Cortez, 2008.

Márcia Terezinha Guedes dos Santos¹

Diego da Silva²

O texto tem por objetivo apresentar uma resenha do capítulo 1 do livro Política Social: fundamentos e história, das autoras Elaine Rossetti Behring e Ivanete Boschetti (2008). O primeiro capítulo do livro intitula-se Política Social e Método. O primeiro aspecto que chamou a atenção no texto foi a crítica que as autoras fizeram a uma linguagem técnica, difícil, formal, e pouco simplista na discussão sobre as políticas sociais. Essa linguagem deveria ser mais acessível e facilitada para que as populações mais carentes e conseqüentemente com um nível de estudo menor possam entender e compreender tudo o que está sendo discutido. Isto porque grande parte dessas discussões referem-se a melhorias para que exista igualdade, dignidade e condições de vida adequadas para todas as pessoas, inclusive para os desfavorecidos que, em tese, deveriam participar ativamente das discussões.

O segundo aspecto que chamou a atenção no texto refere-se à seguinte citação: “Durkheim reafirma a necessidade de afastar sistematicamente todas as pré-noções, dando lugar à razão, à explicação pelo entendimento e não pelo

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná. Pós-graduada em Gerontologia – Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras. Pós-graduada em Psicologia Clínica – Universidade Tuiuti do Paraná. Psicóloga clínica na cidade de Curitiba, Paraná. E-mail para contato: guedes03marcia@hotmail.com

² Graduado em Gestão de Recursos Humanos – Faculdades Integradas Camões; Graduado em Psicologia, Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras. Pós-graduado em Arteterapia pelo ITECNE. Pós-graduado em Psicologia da Saúde e Hospitalar, Faculdades Pequeno Príncipe. Mestrando em Medicina Interna e Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná. E-mail para contato: diegodasilva.psicologia@gmail.com.

sentimento” (BEHRING; BOSCHETTI, 2008, p. 28). É possível concordar com Durkheim até certo ponto, quando ele explica que os profissionais devem ter um olhar científico, racional e aberto a novas possibilidades de pesquisas e intervenções deixando de lado, em muitos casos, o senso comum. É possível discordar do autor, no sentido de que a neutralidade é algo difícil de ser colocada em prática, uma vez que a simples presença de uma pessoa estranha num grupo altera aquele ambiente e gera uma quantidade significativa de dúvidas, pensamentos e reações. Além disso, os seres humanos estão passíveis de sentimentos gerados por relações, por vínculos e por fazer parte daquele grupo naquele momento, desta maneira, a neutralidade fica comprometida.

É interessante o posicionamento de Durkheim na citação “as sociedades são combinações diferentes de uma única sociedade original e existem espécies sociais pela mesma razão pela qual existem espécies em biologia” (DURKHEIM *apud* BEHRING; BOSCHETTI, 2008, p. 29). Por existirem diversas culturas, diversas nacionalidades, diversas cargas genéticas, e cada pessoa ser única no mundo, muitos saberes, subjetividades, identidades e até mesmo conflitos são gerados. Todas estas diferenças devem ser levadas em consideração, no entanto, o que deve ficar claro é que toda sociedade, seja ela indígena, europeia, oriental, ocidental, africana, entre outras, possuem suas regras, seus códigos, suas peculiaridades, seus modos de sobrevivência, as relações de poder, os conflitos, portanto, são organizadas e se encaixam numa definição de sociedade antiga, original e ampla.

Os conflitos na sociedade nem sempre são ruins, e provavelmente onde existam pessoas, conflitos serão comuns. Normalmente eles levam à discussões, debates, conversas e, se mediado e polemizado adequadamente, poderão levar a um entendimento e a um avanço de ideias e ao bem do coletivo. Cada pessoa, por ser única, tem um entendimento dos estímulos que estão a sua volta, portanto, os compreendem de forma particular. O meio em que o indivíduo está inserido terá papel fundamental nesse sentido, obviamente aliado aos sentidos e percepções do mesmo.

A ciência exige que o profissional seja o mais neutro possível para que seu trabalho não seja prejudicado e para que supostamente os indivíduos

beneficiários deste trabalho também não se prejudiquem. “Max Weber, em seus trabalhos, realiza uma aproximação dos processos sociais a partir da compreensão das intencionalidades e ações dos sujeitos, que se sobrepõem as condições objetivas que as circunscrevem” (BEHRING; BOSCHETTI, 2008, p. 33). Será que isso é realmente possível? Será que os pontos de vista do profissional não influenciam em seu trabalho? Será que as experiências vividas pelo indivíduo profissional não irão alterar seu modo e seu jeito de operar sobre seu objeto de estudo e de trabalho?

Para Weber, a vida cultural e os fenômenos sociais existem sempre relacionados aos pontos de vista, que são uma condição indispensável para lhes atribuir significado e relevância. Os valores orientam o significado do objeto, a direção da investigação empírica, aquilo que é importante e acessório, o aparelho conceitual utilizado e a problemática de pesquisa e questões que se colocam ou não a realidade (BEHRING; BOSCHETTI, 2008, p. 34).

Para finalizar, é interessante mencionar a citação das autoras Behring e Boschetti, (2008) uma vez que o que elas escrevem nessa citação retrata a essência do que deveria ser política social, ou seja, as classes se unindo, sabendo de seus direitos e acima de tudo lutando juntas para que o mundo seja justo, igualitário e para que os interesses de todos sejam atendidos sem haver exclusão e opressão. É importante que a sociedade se mobilize para que os governantes e os poderosos não utilizem este poder para arrecadar mais poder em prol dos grupos favorecidos, mas sim para a população de um modo geral, e para os que sofrem mais.

É fundamental identificar as forças políticas que se organizam no âmbito da sociedade civil e interferem na conformação da política social, de modo a identificar sujeitos coletivos de apoio e/ou de resistência a determinada política social, bem como sua vinculação a interesses de classe. Essas forças sociais podem situar-se tanto no âmbito dos movimentos sociais de defesa de trabalhadores, quanto no de defesa de empregadores e empresariado, bem como de organizações não governamentais, que muitas vezes se autoproclamam “imparciais”, mas que, submetidas a uma análise mais minuciosa, acabam revelando seus interesses de classe (BEHRING; BOSCHETTI, 2008, p. 45).

Recebido em 22/06/2016

Versão corrigida recebida em 06/10/2016

Aceito em 12/02/2016

Publicado online em 24/02/2017